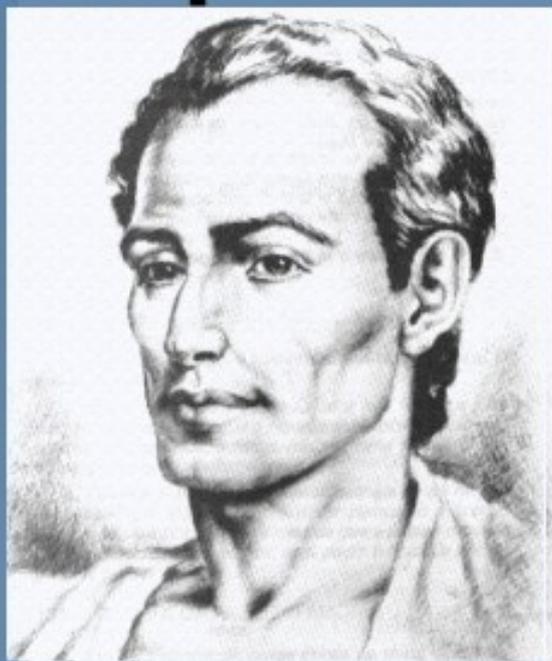


# Religião dos Espíritos



*Emmanuel*

**Psicografia - Chico Xavier**

**CAPÍTULO LXI – Doenças escolhidas**

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)**

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

### Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
Capítulo LXI – Doenças escolhidas	O Consolador	04
Complementos		
Saúde ou doenças são escolhas pessoais	O Consolador	06
Leis de amor	O Consolador	08
Fatalidade	O Consolador	12

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

### **Doenças escolhidas Reunião pública 04/09/1959 Questão 259**

Convictos de que o Espírito escolhe as provações que experimentará na Terra, quando se mostre na posição moral de resolver quanto ao próprio destino, é justo recordar que a criatura, durante a reencarnação, elege, automaticamente, para si mesma, grande parte das doenças que se lhe incorporam às preocupações.

Não precisamos lembrar, nesse capítulo, as grandes calamidades particulares, quais sejam o homicídio, de que o autor arrasta as consequências na forma de extrema perturbação espiritual, ou o suicídio frustrado, que assinala o corpo daquele que o perpetra com dolorosos e aflitivos remanescentes.

Deter-nos-emos, de modo ligeiro, no exame das decisões lamentáveis, que assumimos quando enleados no carro físico, sem saber que lhe martelamos ou desagregamos as peças.

Sempre que já tenhamos deixado as constrições do primitivismo, todos sabemos que a prática do bom é simples dever e que a prática do bem é o único antídoto eficiente contra o império do mal em nós próprios.

Entretanto, rendemo-nos, habitualmente, às sugestões do mal, criando em nós não apenas condições favoráveis à instalação de determinadas moléstias no cosmo orgânico, mas também ligações fluídicas aptas a funcionarem como pontos de apoio para as influências perniciosas interessadas em vampirizar-nos a vida.

Seja na ingestão de alimento inadequado, por extravagâncias à mesa, seja no uso de entorpecentes, no alcoolismo mesmo brando, no aborto criminoso e nos abusos sexuais, estabelecemos em nosso prejuízo as síndromes abdominais de caráter urgente, as úlceras gastrintestinais, as afecções hepáticas, as dispepsias crônicas, as pancreatites, as desordens renais, as irritações do cólon, os desastres circulatórios, as moléstias neoplásicas, a neurastenia, o traumatismo do cérebro, as enfermidades degenerativas do sistema nervoso, além de todo um largo cortejo de sintomas outros, enquanto que na crítica inveterada, na inconformação, na inveja, no ciúme, no despeito, na desesperação e na avareza, engendramos variados tipos de crueldade silenciosa com que, viciando o próprio pensamento, atraímos o pensamento viciado das Inteligências menos felizes, encarnadas ou desencarnadas, que nos rodeiam.

Exteriorizando ideias conturbadas, assimilamos as ideias conturbadas que se agitam em torno de nosso passo, elementos esses que se nos ajustam ao desequilíbrio emotivo, agravando-nos as potencialidades alérgicas ou pesando nas estruturas nervosas que conduzem a dor.

Mantidas tais conexões, surgem frequentemente os processos obsessivos que, muitas vezes, sem afetarem a razão, nos mantêm no domínio de enfermidades — fantasmas que nos esterilizam as forças e, pouco a pouco, nos corroem a existência.

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)**

Guardemo-nos, assim, contra a perturbação, procurando o equilíbrio e compreendendo no bem — expressando bondade e educação — a mais alta fórmula para a solução de nossos problemas.

E ainda mesmo em nos sentindo enfermos, arrastando-nos embora, aperfeiçoemo-nos ajudando aos outros, na certeza de que, servindo ao próximo, serviremos a nós mesmos, esquecendo, por fim, o mercado da invigilância onde cada um adquire as doenças que deseja para tormento próprio.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

### Saúde ou doenças são escolhas pessoais

A doutrina espírita, manancial de luz e de saúde, adverte: somos responsáveis pelos cuidados com o nosso corpo material e com o nosso corpo espiritual. A matéria apresenta-se em estados que ainda nos são desconhecidos e que impressão alguma causam aos nossos sentidos (Q. 22, LE). Somos energia que vibra e oscila permanentemente: luz condensada num universo de formas.

A nossa capacidade de conhecer, dominar e interagir com esse campo energético faz toda a diferença entre a liberdade da saúde e a escravidão da doença.

A nova biologia, rompendo as fronteiras do determinismo genético e sem as amarras do dogmatismo religioso, ganha paulatinamente a confiança de centenas de pesquisadores e cientistas. Ela já não tem dúvidas: a vida de uma célula (carregamos cerca de 50 trilhões delas) “é controlada pelo ambiente físico e energético em que se encontra e não pelos genes”.

Os genes são meros modelos moleculares utilizados na construção das células, dos tecidos e órgãos” (A Biologia da Crença – Bruce H. Lipton). É o que a nova ciência denomina “epigenética”.

Para o espírita, isso sequer constitui novidade. Há décadas, André Luiz vem nos ensinando que “cada criatura, com os sentimentos que lhe caracterizam a vida íntima, emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica”.

Cada alma se envolve no círculo de forças vivas que lhe transpiram do ‘hálito’ mental”, pura corrente energética (Nos domínios da Mediunidade - 1955). Em “Evolução em dois mundos” (1959), foi taxativo: “tirando a imprevidência, a imprudência e a falta de higiene, todas as patologias derivam da relação profunda do Espírito e seus campos energéticos mais profundos, que vão aos poucos se manifestando no corpo”.

A aceitação desses pressupostos deve repercutir na dinâmica de vida de cada um. Saúde e doença são trilhas escolhidas desde os primeiros anos da encarnação. As opções pelo meridiano do equilíbrio interior (vigilância dos pensamentos, sentimentos, emoções e preocupações; prece, meditação, leitura edificante etc.) e pela seleção alimentar criteriosa (a fuga do curral alimentar imposto pela sociedade de consumo e pela gastronomia familiar) são os primeiros passos na direção de um corpo saudável.

A eles se conectam, entre outros vetores, os hábitos de vida (combate aos vícios e ao sedentarismo; relativização da importância do suporte material etc.) e a habilidade no enfrentamento das doenças (renúncia à busca de soluções químicas ou farmacológicas tão instantâneas quanto perigosas).

Percorre a senda do adoecimento quem não aprende a lidar com as suas fobias. Enlaça o enfraquecimento das forças aquele que deixa de aprimorar a capacidade do autoperdão ou da compreensão da falibilidade alheia (indulgência e perdão). Mergulha nos vagões das sombras do sofrimento quem não encontra tempo para festejar o brilho da vida ao lado das pessoas que ama. Está a gestar o embrião da dor aquele que, no aspecto qualitativo e/ou

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)**

quantitativo, seleciona o que come e o que bebe unicamente pelo colorido do paladar e do prazer. Pessoas que trocam os recursos da farmácia de Deus, disposta de forma exuberante na estante da natureza, pelas incursões habituais e impulsivas nas drogarias multiplicadas nos centros urbanos (frutos do egoísmo e da ganância do homem) agem como o terrorista que, meticulosamente, constrói a bomba-relógio que, “do dia para a noite”, vai explodir no seu colo. “Não somos meras máquinas bioquímicas que podem recuperar o equilíbrio físico e mental simplesmente tomando medicamentos” (Bruce Lipton).

É imprescindível manter um corpo vigoroso. A alma é prisioneira da carne e dela depende para se movimentar e manter a ilusão da liberdade (cf. ESE – Cap. XVII – item 11).

Contudo, falha nesse dever o encarnado que não se informa adequadamente ou, negligente, age como se a vida outra coisa não lhe exigisse, senão aguardar a morte.

A partir desta edição, viajaremos juntos pelos campos promissores da saúde preventiva e da medicina holística. Pessoas de todas as crenças (e o espírita, de forma especial) precisam tomar consciência e agir diante das tragédias que as cercam. Populações inteiras são vítimas inconscientes ou inocentes úteis de grandes conglomerados de produção alimentícia (um dos mais badalados nichos da sociedade de consumo), da indústria química e da indústria farmacêutica. Não se pode calar diante deste genocídio silencioso e inconstante que, de forma impiedosa, abate milhões de pessoas todos os dias! Conhecer as trincheiras de proteção nesta guerra será a missão da nossa coluna ao longo deste ano.

**Raul de Mello Franco Júnior**, Saúde ou doenças são escolhas pessoais.

– O Consolador – Nº 614 – 14/04/2019

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

### Leis de amor

Alguns companheiros de São Paulo desembarcaram em Uberaba com 125 perguntas, para que Emmanuel, orientador espiritual do Chico, através do médium, lhes desse resposta.

É um pequeno grande livro! Apenas 66 páginas de grande utilidade para todos nós. Fisicamente, são 78 páginas, porque 12 são os questionários já publicados anexos às respostas, talvez para que ele pudesse ser considerado “livro”. (1)

De que trata o pequeno grande livro?

Trata das grandes dores humanas. São oito capítulos, além do prefácio, que cuidam, cada um, de um aspecto ou de uma forma do sofrimento humano.

1. O primeiro capítulo trata da influência da vida material ou espiritual nas doenças que tanto amarguram as pessoas e suas respectivas famílias, e nos pequenos defeitos, reais ou imaginários, que aparecem na estrutura ou composição de nosso corpo.

Vocês sabem como, na maioria, somos insatisfeitos com o nosso corpo. (As mulheres, mais que os homens; mas também os homens.).

Por exemplo: as mulheres, em sua maioria, não estão satisfeitas com os lábios que Deus lhes deu e, através do batom, querem corrigir a obra, dando-lhes mais cor e tornando-os mais atraentes. As orelhas precisam ser melhoradas pendurando nelas alguns brincos. O rosto precisa ter melhor cor e lhes põem um ruge ou um blush. As pálpebras precisam ser sombreadas para realçarem a expressão dos olhos. E as unhas precisam também se tornar mais expressivas com os mais variados tipos de esmalte. Com referência à altura, a insatisfação é quase geral, determinando a invenção dos saltos altos, que dão uma leve e ilusória impressão de que são mais altas do que efetivamente são. Outras, insatisfeitas com o que a vida lhes proporcionou, costumam acrescentar alguns gramas de silicone, para melhorar o perfil.

Aliás, não são só as mulheres. Vou contar um caso dos muitos de que fui testemunha na vida do meu grande amigo José Stipp.

José Stipp era um cidadão notável que conheci em Garça, interior do estado de São Paulo, quando por lá passei o ano de 1953, sessenta anos atrás. Era um paulistano fantástico. Ateu e materialista. Não era bem ateu. Não se preocupava com a ideia de Deus. Era mais agnóstico do que ateu. Mas muito verdadeiro. Sempre. Nunca mentia. E era também de uma pureza e ingenuidade que hoje não se veem mais nas pessoas. Como não mentia, acreditava que todas as pessoas também não mentissem. Já contei algumas histórias sobre ele no jornal “O Ideal”.

O Zé me parecia um homem alto, forte de corpo, e extremamente simpático. Mas um dia...

Nós dividíamos o aluguel de uma casa em Garça. Nessa casa, como em muitas outras, naquela importante cidade do estado de São Paulo, não havia nem privada, nem banheiro. A privada, quando precisávamos usá-la, tínhamos que ir à casa do vizinho (dono do imóvel

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

onde morávamos). Mas na casa dele também não havia privada. O que havia para essas necessidades era uma fossa, no fundo do quintal, cercada com paredes de bambu, de tal modo que quem estava fora via quase tudo de quem estava lá dentro. A gente tinha que ir lá passando por um portãozinho na cerca que separava o nosso quintal do quintal dele. Uma situação extremamente constrangedora.

E não tinha também banheiro. Nem cômodo para banho. Havia no teto da cozinha um gancho em que pendurávamos um balde com a água que a gente costumava esquentar e que tinha um bico, tipo ralo, por onde, aberta a torneirinha, caía a água sobre nosso corpo para as dificuldades do banho.

E quando um se banhava o outro ficava fazendo outras coisas, enquanto aguardava o momento de enxugar a cozinha com um saco de chão para que tudo voltasse ao normal. Um dia, ao encontrar o Zé, saindo do banho, descalço, com uma toalha a guisa de saia, levei um susto! Aquele homem, que me parecia tão alto, e que, perto dele, eu me sentia um anão, era quase do meu tamanho!

– Que é isso, Zé? Você encolheu?

Ele, então, me contou o segredo. Naquele tempo havia sapateiros com muita arte e talento que faziam sapatos por encomenda e que, mais tarde, a indústria veio a imitar. (Meu tio Geraldo era um desses artistas. O sapato que ele fazia rivalizava com os melhores sapatos que a indústria calçadista brasileira veio a produzir!) Mas o Zé mandara fazer para ele um sapato com o solado todo muito alto, a que se acrescentava também um salto bem alto. E por dentro do sapato, na parte em que se apoia o calcanhar, havia uma espécie de cunha, de modo que tudo aquilo o tornava mais alto pelo menos uns quinze a vinte centímetros. Descalço, perdia aquela altura toda e voltava a ser um homem comum. Quer dizer, mal comparando, ele, homem, usava uma estratégia que imitava os grandes saltos de que se servem algumas modelos.

Outros exemplos: pessoas que nascem idiotas ou cegas ou surdo mudas, ou sem mãos, sem pés, sem braços, coxos etc. etc.

Eu não vou contar o livro todo. Vou lhes oferecer apenas um trailer. Os mais novos talvez não saibam. Mas trailer é uma palavra inglesa que serve para despertar o interesse das pessoas sobre determinado filme ou novela. São cenas escolhidas de um ou de outra para despertar o interesse das pessoas por aquele filme ou aquela novela.

Pois bem: é o que eu vou fazer. Não vou contar o fim da história, sempre desagradável quando a gente quer ver um filme, uma novela, ou ler um livro.

2. O segundo capítulo trata dos dramas familiares: cônjuges infiéis, filhos problemas; filhas desorientadas; dificuldades de relacionamento; irmãos que se odeiam; filhos que não gostam do pai; filhas que não gostam da mãe; pais arbitrários; antipatias entre os parentes; dificuldades financeiras etc. etc. etc.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

Não é segredo para ninguém que os problemas mais difíceis de resolver são os problemas relacionados com a nossa família. Não é por outra razão que os Espíritos nos dizem que no casamento estão as provas mais difíceis de suportar.

André Luiz nos fala que na imensa maioria dos nossos casamentos são casamentos provacionais. Por isso, tanta amargura, tanta decepção, tanta infidelidade, tantos problemas. Filhos que se desviam da estrada e seguem o caminho do vício, do roubo, do furto, da droga, da corrupção, da inconsequência, enfim, nas suas múltiplas variações.

Dificuldades de se aceitarem noras e sogras, primos e cunhados, enfim, da parentela toda, como o grande desafio da longa caminhada.

Certo é que, sempre, os responsáveis por essas dificuldades somos nós mesmos.

3. O terceiro capítulo examina os sofrimentos gerados pela escolha do meio social em que vamos executar as nossas tarefas e a profissão a que vamos nos dedicar para o ganho do nosso sustento.

Sabe-se com que dificuldade lutam as pessoas por estarem entre nós. Economicamente se compõe a sociedade de vários segmentos classificados com a utilização do alfabeto, A, B, C, D, E. A classe A é dos que estão bem servidos pelas facilidades financeiras e, às vezes, culturais: os chamados ricos. A classe B é a que tem boa situação financeira, mas que, superando a classe C, ainda não pode ser incluída entre os componentes da classe A. A classe C é a grande classe dos assalariados e pequenos comerciantes que vivem com as dificuldades de quem não dispõe dos recursos das classes superiores, mas que querem ter uma vida como a que têm as pessoas que compõem aquelas classes. Abaixo da classe C, as classes D e E, constituídas por pessoas que vivem um pouco acima da área da pobreza ou da miséria. O posicionamento faz sempre sofrer as pessoas, de acordo com o nível de orgulho e humildade de cada um. O novo-rico sofre por não ser aceito no “grand monde” da sociedade porque, embora tenha dinheiro, falta-lhe a finura que só a boa educação dá às pessoas. Os integrantes da classe C são os que mais sofrem porque não se conformam com a escola pública e com a assistência do instrumento público responsável pela saúde, oferecido pelo governo (o SUS), e gastam o pouco que ganham com escolas particulares e planos de saúde.

4. O quarto capítulo aborda os dramas lamentáveis do divórcio, do suicídio e do aborto.

Sabemos, por informação dos Espíritos e pelos próprios suicidas, quanto sofrem as pessoas que interrompem o curso da vida, recorrendo ao suicídio.

Camilo Castelo Branco diz que o sofrimento por que passa o suicida, no plano espiritual, é inimaginável, indescritível.

E sofrem também, e sofrem muito, os familiares, os amigos e os dependentes de quem elimina a própria vida. Podemos afirmar que esse é o maior erro que pode cometer a criatura humana.

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)**

O divórcio é outro caminho para a separação dos cônjuges que já não mais conseguem viver juntos. O Espiritismo, ao contrário de outras escolas cristãs, não condena a separação, mas não a recomenda, porque, como afirmam os Espíritos superiores, “divórcio não é solução; é adiamento do problema”.

Sofrem os cônjuges, mas mais sofrem os filhos que responsabilidade nenhuma têm para com o desenlace.

O aborto, vocês sabem, é o mais covarde de todos os crimes que a criatura humana pode cometer. Impedir o nascimento de quem quer que seja, além de crime injustificável, é lamentável desrespeito a Deus, o grande e único criador da vida.

5. O quinto capítulo aborda um dos mais terríveis sofrimentos das famílias e das pessoas. A obsessão, hoje, nas múltiplas formas de se apresentar, constitui um verdadeiro flagelo para a vida humana. É um mal que não respeita ninguém. Atinge o rico e o pobre, o velho e a criança, o homem culto e o iletrado. Doença sem preconceito é um dos maiores problemas vivenciados pela humanidade inteira.

6. O sexto capítulo trata das consequências do nosso passado e sobre os quais a doutrina espírita discorre com a maior lógica e o melhor esclarecimento.

7. O sétimo e oitavo capítulos examinam o tratamento das obsessões na visão do Espiritismo e a redenção definitiva de nossos erros e vacilações.

Não deixem de ter à mão esse livrinho notável!

**Arthur Bernardes de Oliveira**, Leis de amor – O Consolador – Nº 349 – 09/02/2014.

**Emmanuel**, Livro: Leis de amor, (Chico Xavier).

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

### Fatalidade

Entre os árabes existe uma expressão (Macktab) que define o tipo de pensamento que predomina entre eles a respeito do homem e de seu destino. Segundo eles, tudo está escrito. Há uma determinação superior que governa nossos passos. Tudo está previsto, tudo predeterminado. É a doutrina do fatalismo, do determinismo.

Interessante que na vida tudo parece conduzir para esse tipo de entendimento. Havia um dito popular, quando eu era menino, que expressava bem esse pensamento. Costumava-se dizer que “quem nasce para tostão nunca chega a mil réis”. O ditado é antigo, por isso a presença de uma moeda que os mais jovens não chegaram a conhecer.

Quantas vezes ocorre a um indivíduo salvar-se de um acidente para imediatamente cair em outro. Quanta luta, às vezes, sem resultado nenhum. O problema é tão sério que Kardec não se furtou a examiná-lo buscando a orientação dos Espíritos superiores, conforme se vê nas questões 851 a 867 e nas questões 525 a 540 de O Livro dos Espíritos.

Recordando: a doutrina do fatalismo é a que admite que o curso da vida humana esteja, em graus e sentidos diversos, previamente fixado, sendo à vontade ou a inteligência impotentes para dirigi-lo ou alterá-lo. Quer dizer: quem nos criou já nos traçou um roteiro e nada contra esse roteiro podemos fazer. Seríamos, segundo essa teoria, meros robôs, sem direitos e sem vontade, cumprindo um papel para o qual não fomos sequer consultados.

Indaga-se: é a doutrina do fatalismo absolutamente falsa? Estamos ou não estamos sujeitos a determinadas ocorrências contra as quais nada podemos fazer? Essa a questão.

### O LIVRE-ARBÍTRIO

Segundo a Doutrina Espírita nós somos dotados por Deus do direito de decidir, por nós mesmos, o caminho que vamos seguir. Agimos de acordo com a nossa consciência e segundo a nossa vontade. Somos livres para fazermos o que quisermos, mas somos igualmente responsáveis pelas consequências do que fizemos. Quando Deus nos criou, deu-nos a todos uma mesma origem e estabeleceu para todos a mesma destinação. Para todos: o progresso final, a perfeição possível.

Da origem ao objetivo final, há um caminho a percorrer. Esse caminho é construção nossa. Não importa o tempo que iremos, levar nessa construção. A vida não tem pressa. O certo é que existe aí uma fatalidade: Todos iremos, chegar lá, um dia. Nessa caminhada, nós nos ferimos a nós mesmos e ferimos aos nossos companheiros de jornada. Feridas que precisam ser cicatrizadas. Doenças que precisam ser tratadas. É a intensidade dos ferimentos e a gravidade das doenças que dirão do tempo e da forma do tratamento a que seremos submetidos. Como se vê, o nosso livre-arbítrio cria um tipo de fatalidade para nós. Pelo livre-arbítrio, cometemos erros, ferimos o próximo, semeamos discórdias, desequilíbrios, doenças. Esses ferimentos, esses desequilíbrios terão que ser tratados fatalmente.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)

### ESCOLHA DAS PROVAS

Os erros cometidos, quando estagiamos pelo planeta, terão que ser corrigidos através de nossa experiência no planeta. Não é justo que outros venham retirar os espinhos que nós semeamos pelos caminhos. Fazemos isso por meio da reencarnação. É através delas que vamos curando as feridas que fizemos no próximo e tratando as que fizemos em nós mesmos. Esse tratamento é doloroso. Doloroso e demorado, porque essencial ao nosso aprendizado. Para que os erros não voltem a acontecer, não se repitam.

As reencarnações são programadas. Projetam uma tarefa a se cumprir, num tempo determinado. Quando nascemos, trazemos a provisão de fluido vital necessário ao cumprimento da tarefa. Tal qual o oxigênio que o mergulhador carrega no seu escafandro para suportar o trabalho no fundo do mar. Esgotado o oxigênio, o mergulhador tem que subir vir à tona. Esgotado o fluido vital, o Espírito encarnado tem que voltar à sua condição de Espírito: é a morte.

O tratamento das nossas doenças, enquanto encarnados, é feito em etapas preestabelecidas. E tem um tempo de alta, tempo em que o tratamento parece concluído. Às vezes, são necessárias várias encarnações para que a saúde volte a ser plena. Durante o tratamento (a encarnação) nós podemos cometer outros erros. Acumular novos débitos. Criar, novas fatalidades futuras.

A escolha das provas é feita com a nossa participação. Escolhidas, elas acontecerão. Quando fazemos a escolha, nós nos criamos certa fatalidade que culmina com a única fatalidade definitiva: a morte. Os Espíritos não deixam dúvidas, quando dizem: “Fatal no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, a ele não podeis furtar-vos”.

Então, como ficamos? Existe ou não a fatalidade?

A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem, a achar-se colocado. Falamos das provas físicas, pois que, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir.

(Questão 851)

E por que há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade, independente da maneira por que procedem? – São, talvez, provas que lhes caiba sofrer e que elas escolheram, mas, muitas vezes, são simples consequências de suas próprias faltas; de sua imprudência ou imprevidência ou irresponsabilidade.

Pode-se entender que se não for à hora, qualquer que seja o perigo que nos ameace, nós não morreremos? – Sim, assim é: temos milhares de exemplos disso, todos os dias.

Então não precisamos de cuidados médicos quando a saúde se abala! Se não for a hora a gente não morre mesmo. – Negativo: são as precauções tomadas que nos são sugeridas

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXI)**

com o objetivo de evitar a morte que nos ameaça. São um dos meios empregados para que ela não se dê.

**Arthur Bernardes de Oliveira**, Fatalidade – O Consolador – Nº 48 – 23/03/2008.